

Estelionato Médico-Educacional



Acabo de ler na imprensa: “Não adianta criar faculdades só para o País ter mais universitários. A Ordem é contra o estelionato educacional, o ensino que não ensina. (...) No fim, os alunos recebem um diploma que não serve para nada.” Estas são palavras do presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Rubens Approbato Machado, a respeito do estelionato jurídico-educacional. (Editorial do jornal “O Estado de S. Paulo” – 31/01/2004).

O texto trata da abertura indiscriminada de escolas de Direito e da péssima qualidade do produto final desta formação. “Os índices de reprovação no exame da Ordem giram em torno de 80% e a reprovação nos concursos para o Ministério Público e a Magistratura chega a inacreditáveis 98%”.

A quem interessa esta quantidade inacreditável de advogados empurrados para o mercado de trabalho? Com certeza não é à comunidade acadêmica, aos órgãos reguladores da atividade profissional e muito menos à população. Isto só interessa aos empresários mercantilistas cujo único objetivo é o lucro fácil da comercialização de ilusões para pais e candidatos que acreditam num título universitário e uma profissão de futuro. Isto também interessa às autoridades políticas, pois permitem a divulgação de falsas e demagógicas estatísticas, com fins eleitoreiros, sobre acesso ao estudo universitário, melhoria do aprendizado da população e a redução do analfabetismo que ainda crassa a nação.

Mas aqui não é o fórum para discussão dos problemas relacionados à formação de advogados no Brasil. Aqui é o fórum para discutir a formação médica.

Incrível. Confesso mesmo que estou até meio decepcionado! Eu que sempre acreditei que era exclusividade da área médica o descontrole total da abertura de escolas médicas, sem qualquer controle de qualidade, sem a exigência do preenchimento de requisitos mínimos. Como por exemplo, a existência de um hospital-escola, mesmo sendo tema exaustivamente alertado pelas nossas entidades representativas às autoridades políticas, do grave erro que é, permitir a existência de uma verdadeira linha de montagem seriada. Estes conglomerados de empresas formadoras de ignorantes vestidos de branco, com um certificado na mão e uma incompetência declarada, assinada e autorizada pelas entidades reconhecidas.

Não sejamos ingênuos: alguns grandes nomes da pátria amada tomaram esta iniciativa vencedora, pois tinham como objetivo primordial enfraquecer este setor profissional, permi-

tindo a abertura indiscriminada de escolas para com isto derramar no mercado de trabalho um número incontável de profissionais mal formados, pois sua conduta marginal serviria para rotular toda a classe médica dentro de um mesmo patamar. E conseguiram! Desde o final da década de 60 houve uma queda significativa da qualidade profissional e isto veio facilitar a ação dos mercadores da assistência médica, pois conseguiram desvalorizar de forma irreversível uma classe que até aquele momento era considerada uma elite profissional. A irresponsabilidade desta atitude não tem comparativo em qualquer setor da atividade profissional, porque o objeto da ação do médico é a saúde humana que não pode e não deve ser tratada como mercadoria.

Mas não sejamos descorteses com nossas autoridades. Quando eles tiverem sua dor de barriga, para isto existe o INCOR e outros centros de excelência. Para a população, fica o direito de pagar o dízimo mensal ao plano de saúde, nem sempre com retorno do investimento ou, como alternativa, enfrentar as intermináveis filas do SUS espalhadas pela nação com qualidade diretamente proporcional ao investimento dos políticos federais e regionais. Para a classe médica, só resta cumprir com o destino que lhe foi determinado: sorrir permanentemente aos pacientes, atender indiscriminadamente durante as 24 horas do dia exercendo o tradicional sacerdócio profissional.

Sou obrigado a concluir que, realmente este é um país de futuro, pois no presente nada se poderá fazer para torná-lo algo comparável com os países do primeiro mundo. Somente seremos um país do presente no momento em que, tomados de brio, conseguirmos acabar com o estelionato de abertura das escolas médicas nos mesmos moldes do que está fazendo a OAB.

Plagiando as palavras do presidente da OAB: “Não precisamos de mais médicos! Precisamos de melhores médicos!”.

Dr. Luiz Karpovas é Diretor do Boletim do CBR, Diretor de Defesa Profissional e Presidente do CIR